

## ÉTHOS E POLÍTICA SEGUNDO MAQUIAVEL

Maria José da C. Souza Vidal\*

### RESUMO:

No presente ensaio faremos uma demonstração da ética e da política conforme concebeu Nicolau Maquiavel. Buscaremos ser fiel ao pensamento do autor, na perspectiva de identificar sua teoria moral e política, não com o intuito de aqui fazer juízo de valor sobre seu pensamento, mas tão somente de expor, possibilitando de maneira clara sua compreensão, pois entendemos que para concebermos avaliações sobre qualquer teoria que seja primeiramente se faz necessário entendê-la, analisá-la e só posteriormente, depois de muito refletir se possibilita pensar alternativas que se contraponham e apontem para outros caminhos que orientem no modo de agir moral e politicamente. Iniciaremos abordando o conceito de política, segundo concebe Maquiavel, e trataremos de uma série de ações que são princípios fundamentais à prática política idealizada por esse pensador. Veremos que todas as ações apontadas estão relacionadas com o princípio de dominação e visam à conquista e à manutenção do poder. Dessa maneira desenvolver-se-á o objetivo maior da política. Em seguida trataremos do éthos maquiavélico, definindo sua concepção de moralidade, traçando uma relação com o relativismo e apontando as implicações desse sistema.

**Palavras-chaves:** éthos, política, Maquiavel.

### 1 INTRODUÇÃO

No presente ensaio faremos uma demonstração da ética e da política conforme concebeu Nicolau Maquiavel. Buscaremos ser fiel ao pensamento do autor, na perspectiva de identificar sua teoria moral e política, não com o intuito de aqui fazer juízo de valor sobre seu pensamento, mas tão somente de expor, possibilitando de maneira clara sua compreensão, pois entendemos que para concebermos avaliações sobre qualquer teoria que seja primeiramente se faz necessário entendê-la, analisá-la e só posteriormente, depois de muito refletir se possibilita pensar alternativas que se contraponham e apontem para outros caminhos que orientem no modo de agir moral e politicamente.

---

\* Doutoranda em Filosofia pela UFRN/CAPES e orientanda do prof. Dr. Juan A. Bonaccini. Natal, RN, Brasil.  
E-mail: pretarn2010@gmail.com

Iniciaremos abordando o conceito de política, segundo concebe Maquiavel, e trataremos de uma série de ações que são princípios fundamentais à prática política idealizada por esse pensador. Veremos que todas as ações apontadas estão relacionadas com o princípio de dominação e visam à conquista e à manutenção do poder. Dessa maneira desenvolver-se-á o objetivo maior da política. Em seguida trataremos do éthos maquiavélico, definindo sua concepção de moralidade, traçando uma relação com o relativismo e apontando as implicações desse sistema.

A origem da política é grega, como é grega a palavra πολιτική (política), oriunda da *pólis*. Com o advento das cidades-estados, as comunidades passaram a se organizar, os cidadãos (*politikos*), os homens nascidos nestas cidades, livres e com iguais direitos diante da lei, expunham e discutiam na coletividade as ações que deveriam nortear os destinos da cidade. Toda a vida da cidade se discutia e decidia na coletividade: a administração, as leis, os negócios. Dessa forma a política era concebida pelos gregos como a arte ou a ciência do governo.

Segundo HOLANDA (1998) a política significa: *prática e arte do governo das sociedades humanas; civilidade; astúcia no trato comercial ou de outra natureza; habilidade em lidar com outrem*. De acordo com tal definição, se pode dizer que a compreensão de política dominante no mundo atual, é de certa forma resultado da idéia surgida com os gregos e romanos e fortemente influenciada pela concepção maquiavélica. Mas o que diz Maquiavel?

## 2 FORMAS MAQUIAVÉLICAS DE DOMÍNIO

Maquiavel define política como sendo toda ação humana relacionada ao poder. Assim sendo, política é a habilidade de executar estratégias que tenham por fim a conquista e a manutenção do poder. Não é apenas teórica, mas requer prática. O conhecimento e a execução de ações que visem ao poder, fazem do homem um ser dominador e glorioso, o que significa dizer que a dominação é essencial na concepção de Maquiavel.

A partir do supracitado podemos considerar que a política é efetivada somente com a finalidade da conquista e a manutenção do poder. E sendo a dominação fundamental, ela envolve pessoas e instituições em níveis micro e macro social, ou seja, tudo onde houver poder. Passemos a analisar como se dá essa dominação. As formas maquiavélicas de domínio:

## 2.1 EVITE MUDANÇA!

No passado e na tradição apagam-se os desejos e os motivos para mudanças, porque, de qualquer modo, uma mudança sempre cria a base para uma mudança sucessiva.<sup>48</sup>

Essa medida deve ser tomada para governar sem correr riscos, notadamente o de perder o poder. Os que se encontram em uma situação nova, são os que mais devem estar atentos a esse fato, uma vez que o poder é bem menos problemático e fácil de manipular quando não se abandona o modo de governo dos predecessores.

Ora, se uma mudança sempre abre espaço para outra mudança, então não é conveniente ao novo governo ceder, pois se assim o fizer, possibilitará a mudança dos que estão no domínio e do contrário eliminará as ameaças de perda do poder.

## 2.2 ANIQUILE!

O aniquilamento pode ser praticado de duas formas, a saber: a extinção da estirpe, com o uso da força promover a destruição total, e a segunda que reduz o outro a zero, ou seja, torna-o nulo. Verifiquemos cada uma!

### 2.2.1 A EXTINÇÃO DA ESTIRPE:

Para manter o domínio com segurança, basta haver eliminado completamente os herdeiros do príncipe que os dominava, porque, mantendo as condições antigas nas outras coisas e não havendo diferença de costumes, os homens continuarão a viver tranqüilamente.<sup>49</sup>

Maquiavel aconselha usar da força e destruir os que têm alguma possibilidade de chegar a

---

<sup>48</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução: Lúcia Carmo. Ed. Paz e Terra, Coleção Leitura. Rio de Janeiro, 1996.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 18 – 19.

tomar o poder, pois se deixar entre o povo alguns que podem disseminar a revolta, ainda mais sendo herdeiros do antigo governante, com certeza estará deixando a oportunidade para que os dominados possam ameaçar quem governa.

A destruição caracteriza-se como o meio mais seguro de dominação, visto que com essa prática os homens temerão sempre uma violência futura.

## 2.2.2 TORNE O INIMIGO NULO!

Nesse caso é necessário mais inteligência, ser mais calculista, pois o outro aqui precisa ser convencido e até mudado. A dispersão e a mentira são fundamentais para obter-se o fim desejado.

Falemos primeiramente da dispersão. Ela, a dispersão, deve ser praticada com o objetivo de enfraquecer os grupos organizados, pois uma vez divididos será mais difícil causarem danos. E, sendo minorias, não terão forças para se colocarem diante do seu governante como possíveis ameaças, tornando-se assim seres politicamente inexpressivos.

A mentira é necessária e fundamental para um aniquilamento mais aprimorado, pelo qual é preciso fazer do outro um aliado. Aqui o convencimento é tanto que é possível a mudança de personalidade, resultando numa perda da identidade. Observe-se:

Para dominar é preciso antes de tudo convencer, ou ao menos, persuadir. O maior dos convencimentos possíveis, aquele que mostra a adesão total e incondicional do “convencido”, do que “se convenceu”, é quando este perde a sua própria identidade. Quando um indivíduo qualquer realmente acredita no que querem que ele acredite ou faz o que querem que ele faça, está concluído o processo de convencimento. Quando o resultado final deste processo é a crença que somos “um outro”, com perda da identidade, temos o convencimento absoluto.<sup>50</sup>

## 2.3 CULTIVE A HABILIDADE DE DISSIMULAR, FINJA!

---

<sup>50</sup>NAHRA, Cinara. *A Megera e o Príncipe*. Princípios – Revista de Filosofia, periódico anual. Departamento de Filosofia, CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), EDUFRN – Editora da UFRN. Ano 04, nº 05, 1997. p. 42).

Todavia, por experiências, vêm-se, nos nossos tempos, príncipes que alcançaram grandes coisas, sem manter promessas feitas e que souberam, com astúcia, confundir a mente dos homens.<sup>51</sup>

A habilidade de dissimular é outra das características maquiavélicas de dominação que se constitui como determinante no jogo do poder, ou seja, *o parecer ser o que não é*. Está intimamente relacionada às ações e ao caráter do governante que obrigatoriamente não deve ser honesto, mas fingir ser e com isso levará vantagem em relação aos que forem sempre leais e honrados, pois é fundamental proceder mediante as circunstâncias. Principalmente porque para Maquiavel a condição humana não permite que os homens sejam só bons ou plenamente bons.

Mediante tal condição, dá-se a necessidade do relativismo na política, onde as estratégias devem ser bem pensadas. Assim há dois modos de combate na política, a saber: as leis e a força. O primeiro é próprio dos homens e o segundo, dos animais; no entanto, o vencedor deve utilizar-se dos dois, uma vez que as leis nem sempre são suficientes. A capacidade de fingir é o diferencial, pois o homem precisa ser astuto e comparando-o com os animais, torna-se fundamental ser raposa e leão o que significa: esperteza para reconhecer os perigos e força quando a lei não puder resolvê-los.

#### 2.4 ALICIE!

O aliciamento como outra forma de dominação deve ser praticado em casos nos quais a aliança seja imprescindível; é quando se deve atrair o outro para o plano ou para a ação que se deseja executar. A conquista se dá, sobretudo, com base na persuasão, de forma a seduzir o futuro aliado a aceitar participar da trama. E este, o futuro aliado, é levado a crer pelo aliciador que as suas pretensões são as melhores.

É a conquista política quando o outro não está convencido de qual posição tomar e estes são os mais fracos, pois os mais fortes apresentam-se como ameaça, portanto devem ser enfraquecidos e evitar que os recém-aliados não cedam a outrem tão forte quanto o príncipe.

Segundo Maquiavel, os homens ou são aniquilados ou aliciados, pois se vingam das

---

<sup>51</sup> Nicolau Maquiavel, op. cit., p. 105.

pequenas ofensas, mas não das grandes. Então o ato da sedução é louvável, uma vez que o seduzido sentirá, com as promessas feitas, possibilidades que não serão tidas pelo próprio, no futuro, como algo puramente ruim. Convém ressaltar que para um príncipe nunca faltam motivos para quebrar uma promessa feita e isso já é fundamental para convencer o seduzido das razões que não foram possíveis viabilizar o acordo ou promessa.

## 2.5 SEJA PRUDENTE!

Pois o homem que queira professar o bem por toda parte é natural que se arruíne entre tantos que não são bons. Para um príncipe é necessário, querendo se manter, aprender a poder não ser bom e usar isso, conforme precisar.<sup>52</sup>

Conforme a citação acima e como já foi mencionado, Maquiavel aponta a necessidade da prudência em decorrência de que é natural ao homem não ser só bom; nesse sentido o ato de governar e, mais que isso, sua preservação, exige posicionamentos diversos. Quanto aos vícios, devem ser evitados, principalmente quando estes causarem alguma ameaça à preservação do poder. É sabido que todos desejam que os governantes tenham todas as boas qualidades. Assim faz-se preciso a prudência, mantendo-se sempre as seguintes posturas: ser pouco generoso, ser temido, não manter a palavra dada, evitar ser odiado e desprezado e agir mediante o grupo de quem está recebendo apoio. Observemos cada uma!

### 2.5.1 A GENEROSIDADE

Usada de forma a criar fama é nociva, pois é possível que existam momentos em que o príncipe não a possa praticar. Convém, portanto, ser suntuoso. Agindo assim o príncipe estará evitando roubar os súditos, para não vir a ficar na miséria e, além disso, a falta de generosidade não o impede de reinar. No entanto, quando se tratar de distribuir o alheio e isso não vier a lhe trazer danos, é plenamente louvável.

---

<sup>52</sup> Nicolau Maquiavel, op. cit., p. 91.

## 2.5.2 O QUE É MELHOR SER AMADO OU TEMIDO?

O príncipe deve ser prudente, ao acreditar e ao agir, não deve amedrontar-se a si mesmo e proceder com equilíbrio, prudência e humanidade. Que a excessiva confiança não o torne incauto e a excessiva desconfiança não o torne intolerável.<sup>53</sup>

A partir da citação acima, se coloca a questão da clemência e da crueldade; e a resposta que nos vem de imediato baseia-se em que são as duas qualidades importantes para se governar com equilíbrio, mas não é sempre que se pode reuni-las. Portanto, tendo de optar, é melhor ser temido e não confiar o governo em amizades ou no amor. Pois, estes últimos sentimentos, amor e amizade, são susceptíveis a mudanças, a traições, então não se caracteriza como uma fonte segura para a manutenção do poder. Já o medo torna os subordinados cada vez mais obedecidos e sempre passíveis.

Essa opção feita por Maquiavel justifica-se porque ele acredita que os homens geralmente são ingratos, volúveis, mentirosos, traiçoeiros, covardes e ávidos por dinheiro. De forma que se o bem é feito, logo quem o faz é merecedor de elogios de quem o recebeu. Mas quem foi favorecido pelo bem quando de quem o fez não mais precisar, logo se afastará e não terá nenhuma consideração. No tocante às amizades, só devem ser consideradas as conquistadas com a grandeza e nobreza da alma e não com base na fortuna, pois os homens ofendem com facilidade e sem temor a quem amam, já a quem teme dá-se o contrário. No primeiro caso (ofender a quem se ama) há sempre a crença no perdão e no segundo (ofender a quem se teme) nunca se descarta a possibilidade do castigo, de sofrer as conseqüências, uma vez que quem se faz temido possui poderes suficientes para uma vingança, seja física ou moral.

## 2.5.3 NÃO MANTER A PALAVRA DADA

---

<sup>53</sup> Nicolau Maquiavel, op. cit., p. 100.

Um príncipe prudente não pode, nem deve, manter a palavra, quando lhe for prejudicial e as razões que o fizerem dar a palavra não mais existirem.<sup>54</sup>

Nesse caso o príncipe usufrui de um significativo privilégio que é o fato de não lhe faltarem motivos legítimos para disfarçar a quebra de uma promessa e contar com algo que é natural ao homem: a simplicidade e a obediência diante das necessidades. Por conseguinte, se ao príncipe interessa enganar, sempre achará alguém que se deixe enganar.

O ponto principal é a legitimidade das razões da quebra da promessa e estas devem sempre parecer ser o melhor, pois os homens julgam mais pela aparência e consideram geralmente o fim da ação. De modo que se o resultado da quebra da promessa parecer ser o melhor (salientando que para o príncipe não é necessário ser de fato, mas é indispensável parecer sê-lo) os homens não ousarão se opor.

#### 2.5.4 EVITAR SER ODIADO E DESPREZADO

É perfeitamente possível se fazer temido sem ser odiado, porque a disciplina é fundamental para manter a dominação e a prudência a prescreve como norma essencial. Para isso é suficiente respeitar os bens e as mulheres dos súditos e cidadãos. Pois os homens vivem satisfeitos se não perderem os seus bens e sua honra. Há uma exceção, quando for necessário agir contra a família de outrem quando, deve haver uma justificativa conveniente e causa manifesta. Convém ressaltar no que diz respeito ao comando do exército, no comando de muitos soldados, o governante deve manter a fama de cruel, para que este seja unido e sempre disposto ao combate. Cito Maquiavel: ... *Fugir das coisas que o tornem odioso e desprezível. Sempre que souber fazê-lo, terá cumprido com o seu dever e não correrá perigo por outras infâmias.*<sup>55</sup>

Por conseguinte, o príncipe deve preocupar-se com a sua reputação e estar sempre atento aos perigos internos dos seus súditos e externos dos estrangeiros. Dos primeiros deve temer a conspirações e ao segundo de invasões. Tanto em um como no outro caso é

---

<sup>54</sup> Nicolau Maquiavel, op. cit., p. 106.

<sup>55</sup> Nicolau Maquiavel, op. cit., p. 109.

fundamental ter boas tropas como bons amigos e de certa forma as boas tropas já garantem bons amigos. Mas, o que não se pode deixar de ter nesses casos, é o apoio do povo, uma vez que quem vai conspirar contra o príncipe acredita estar fazendo o melhor para o povo e se o príncipe é amado pelo povo, logo o conspirador irá temer muito mais a cometer o atentado.

Surge com isso uma questão nada fácil de administrar: como ter o apoio do povo e dos nobres? Uma vez que ambos têm interesses opostos, o povo não deseja ser oprimido e a nobreza tem a necessidade de oprimir para se manter enquanto tal. Maquiavel diz ser suficiente, para equilibrar essa relação, não nutrir inimizades com os poderosos e contentar o povo, como também deixar que as indecisões impopulares sejam tomadas por outros. Assim evitando ser desprezível e odiado, o príncipe terá, com o apoio popular, um poder que nem as armas das melhores tropas podem vencer.

#### 2.5.5 AGIR MEDIANTE O GRUPO

O príncipe deve agir mediante o grupo que o apóia. Se apoiado por corruptos, logo terá conflitos se for agir com honestidade. A sintonia entre o grupo apoiador e o governante é fundamental para a preservação do governo. Deve ainda considerar que tanto as más ações quanto as boas causam o ódio e neste sentido conhecer o caráter dos aliados é indispensável. Pois são conhecidos na história exemplos de homens que só praticaram ações honradas, mas mesmo assim fracassaram.

É importante observar a escolha dos aliados e como estes se portam no governo. Se há no grupo homens que pensam mais em si do que no governante, estes não são bons aliados e poderão criar sérios problemas, como não são dignos de confiança.

#### 2.6 GUERREAR E PROFESSAR A GUERRA

Um príncipe não deve ter outro objetivo nem outro pensamento, nem praticar arte alguma fora à guerra, sua ordem e disciplina, pois esta é a única arte que se espera de um comandante e é de tal valor que não somente mantém o poder dos que nasceram príncipes, mas, muitas vezes,

permite a cidadãos comuns subir a esse grau.<sup>56</sup>

Entender de guerra é necessário ao príncipe para ter o respeito dos seus soldados e poder confiar neles. E ao se relacionar com outros governos sem armas, apresenta-se então como submisso. Sendo assim é desproporcional a diferença de poder entre os que governam com armas e os que governam sem elas.

A guerra deve ser cultivada mesmo em tempos de paz e com maior exercício que em tempos de guerra, tanto com ações como com a mente. Com isso os soldados se manterão sempre em forma e prontos a combater; nunca ficarão ociosos.

O intuito maior é manter uma base de governo forte, em que se possa confiar nos tempos de adversidade, é o apoio chave que sempre estará à disposição para defender o reinado. Então não é possível ao príncipe ter essa forma de combate e não conhecê-la ou comandá-la, é fundamental, para que o próprio governante esteja à frente dos seus soldados.

## 2.7 IMITAR OS BONS EXEMPLOS

Os homens, quase sempre, caminham por estradas batidas por outros e agem por imitação.<sup>57</sup>

Copiar os bons exemplos é uma virtude que poucos conseguem, mas mesmo que não se consiga por completo é importante seguir as estratégias desenvolvidas pelos que já obtiveram o poder. No entanto deve-se observar que esse método funciona para a conquista do poder e nem sempre funcionará para a conservação. Mas, depois de estar no poder pode-se recorrer ao uso da força para manter os homens dominados sem, no entanto, esquecer que atos de crueldade trazem a conquista e não a glória.

Sendo a política uma arte de governar que exige execução de estratégias, os que se interessam por tal arte devem obedecer e praticar estas regras maquiavélicas com o interesse de conseguir o objetivo maior que é a dominação, o poder e a glória. Ressaltando que estas conquistas se dão tanto no nível micro como macro social, podendo ser aplicadas na conquista de pessoas, espaços sociais, instituições ou no dia-a-dia nas relações de poder que se dão entre

---

<sup>56</sup> Nicolau Maquiavel, op. cit., p. 87.

<sup>57</sup> Nicolau Maquiavel, op. cit., p. 37

os cidadãos simples.

### 3 A MORAL MAQUIAVÉLICA

Os que se assustam com o maquiavelismo, devem estranhar ainda mais o termo éthos maquiavélico, pois como pensar a ética que pressupõe normas morais de conduta na doutrina de um pensador que valorizava mais profundamente a glória pelo poder? Como conceber uma moral que busca a dominação a custo de quaisquer meios?

Não obstante tal estranhamento, a filosofia política apresentada por Nicolau Maquiavel, também dispõe de um éthos e o coloca como normas a serem seguidas, instaurando em seu tempo uma moral que tem como finalidade obter o poder. Maquiavel representa o relativismo ético. Neste sentido, isso acontece em decorrência de outros filósofos no passado já terem filosofado acerca de um sistema moral dessa natureza. Fato ocorrido com os Sofistas, apontando como exemplo Protágoras, do século V antes de Cristo que foi um dos primeiros relativistas. A sua famosa frase: *O homem é a medida de todas as coisas*, traduz seu pensamento sobre sua concepção relativista de moralidade.

Para melhor elucidar a questão do éthos relativista, necessário se faz que discorramos brevemente sobre o relativismo, no intuito de esclarecer a maneira que se desenvolve tal corrente ético-filosófica.

#### 3.1 O RELATIVISMO ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DE UM SISTEMA MORAL

É possível definir o Relativismo, acima de tudo como a negação do absoluto, tal conceito pode ser expresso em outras palavras como a não concepção de valores ou verdades universais. Alargando essa definição, esse termo relativo pressupõe a existência de uma causa que o condiciona, significando que algo relativo deve ser válido somente em determinadas circunstâncias ou condições. Então, conceber um modelo de moralidade relativista subentende-se a existência de uma causa que principia os seus valores, ou seja, que os condiciona.

Corroborando essa idéia, tem-se a cultura como configuração da representação do fenômeno moral, isto é, o sistema moral aqui discutido concebe que os juízos morais estão ou

são fixados no consentimento social, os quais variam de cultura para cultura. Entendendo cultura como o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados e polidos. Também se costuma indicar a cultura pelo nome de civilização, mas essa aproximação vai além, vez que se têm à civilização como o objetivo de viver associado, de viver, portanto, numa cultura. Resultando que em última instância a finalidade da cultura é estabelecer e manter a civilidade entre os povos; dessa forma a humanidade só pode realizar-se na vida em comunidade.

Assim sendo a enorme diversidade cultural em que o mundo se apresenta, tem dado sustentação e promovido o relativismo ético. Percebe-se o quanto ele vem sendo reforçado no decorrer dos tempos, cada vez mais os princípios morais estão sendo particularizados.

Os critérios relativistas embora tenham variado em toda história do pensamento moral – isso é de se esperar ou não pode ter grandes implicações, já que é relativista –, têm mantido a sua característica ímpar que é a consecução utilitarista em suas ações; evidenciando a ética dos resultados. Essa utilidade consiste em beneficiar quem pratica a determinada ação, isso vale tanto para o indivíduo quanto para uma comunidade.

### 3.2 O RELATIVISMO PRESENTE NA OBRA *O PRÍNCIPE*

Tendo de forma sucinta, apresentado o modelo ético em questão, analisemos como este se desenvolve na Obra *O Príncipe*, ressaltando que a partir do capítulo XIV *Dos deveres do príncipe para com suas tropas*, o autor aborda a ética, sugerindo indicações e normas sobre a conduta que o príncipe deve seguir. Cumpre observar que a característica marcante do relativismo, logo nos remete a Maquiavel, vez que sua concepção de ética tem como fim à obtenção do poder, sendo o resultado maior, corroborando a ética de resultados. Conforme citamos: *Aquele que deixa o que faz pelo que se deveria fazer aprende a se arruinar em vez de preservar. Pois o homem que queira professar o bem por toda a parte é natural que se arruíne entre tantos que não são bons.*<sup>58</sup> Deste fragmento pode-se entender bem mais que a necessidade da praticidade nos princípios maquiavélicos, conforme já foi mencionado na sua definição de política na primeira parte deste trabalho, remete-se à utilidade de praticar atos que beneficiem o autor da ação. Assim sendo, o interesse não é a execução de boas ações, ou

---

<sup>58</sup> Op. cit. p. 91.

atos justo, mas o rendimento que pode ser obtido em benefício próprio. O fundamental é a vantagem de praticar ações que sejam traduzidas em resultados plausíveis para quem as realiza, pois, ficar a pensar ou desejar ações que deveriam ser as ideais não trás bons resultados, ou resultados úteis. Tem-se a partir daí a distinção entre o ser e o dever ser, clarificando que Maquiavel opta pelo ser.

Dando continuidade a identificação do paradigma ético contido na obra acima citada, vejamos algumas de suas máximas que o representa. *Para um príncipe, nunca lhe faltaram motivos legítimos para disfarçar a quebra da promessa. Disto podem-se dar infinitos exemplos modernos e mostrar quantos tratados de paz, quantas promessas tornaram-se nulas e vãs pela deslealdade de príncipes.* (Idem, p. 106).

No cerne desta postura encontra-se uma forma de conceber a lei que podemos caracterizá-la como fortemente influenciadora do modelo atual, no qual a lei é tida como um instrumento de poder, usada na intenção de imperar coercitivamente uma determinada conduta. Dessa forma a lei é exercida como representação da vontade do príncipe, instaurando dois mundos: a saber, o mundo da moral e o mundo do direito, da justiça. O primeiro pertence ao estado do dever ser, já mencionado, do abstrato. Já o segundo está relacionado ao externo, ao público, sendo o espaço do ser.

Neste contexto, através da lei, da vontade do soberano, qualquer ação pode ser justificada, desde que publicamente formal e aceita. Daí a importância de manter a boa imagem pública, a boa aparência, pois, as pessoas são notadas pelas qualidades que possuem. Contudo, segundo Maquiavel a condição humana não permite ao príncipe possuir todas as boas qualidades. Portanto, o príncipe não precisa tê-las de fato, mas demonstrar ter, de modo que o ser não deve necessariamente ser, mas parecer ser; como exemplos: piedoso, corajoso, generoso, fiel, franco, entre outras. Com isso a bondade passa ser substituída pela utilidade, conseqüentemente para Maquiavel a prudência tem significado de esperteza, astúcia, possibilitando agir em benefício próprio. Desta feita a prudência sinaliza manter a boa aparência em relação às qualidades mencionadas.

Prosseguindo temos a confirmação do acima exposto e a apresentação de outro princípio que reforça o éthos relativista nas entrelinhas. *É preciso entender que um príncipe, sobretudo um príncipe novo, não pode observar todas as coisas pelas quais um homem é considerado bom, necessitando muitas vezes agir contra a lealdade, a caridade, a humanidade, a religião, para manter o Estado.* (Idem, p. 107). Tal citação evidencia as circunstâncias como critério das ações. Nesse aspecto ser volúvel é qualidade vital; deve-se

estar apto para mudar sempre que a realidade fizer preciso; as necessidades constroem a realidade e a maldade pode ser praticada conforme for à situação.

Esse princípio é justificado em função do ato de governar exigir e promover fatos diversos. Maquiavel de novo confirma essa conduta: *é indispensável que tenha um ânimo disposto a mudar, conforme comandarem os ventos da sorte e as variações das coisas. Como disse antes, não se desviar do bem, se possível, mas saber sempre como usar o mal, se necessitar.*

No final do capítulo XVIII – *Os príncipes e a palavra dada*, torna-se claro definitivamente o princípio que tornou célebre a teoria moral de Maquiavel. Exposto da seguinte maneira: *Nas ações de todos os homens, sobretudo dos príncipes, quando não há tribunal ao qual recorrer, deve-se considerar o resultado. Assim, um príncipe deve conquistar e manter um Estado. Os meios serão sempre considerados honrados e por todos louvados. Porque o vulgo atenta sempre às aparências e ao resultado e no mundo só existe o vulgo.* (Idem, p. 108).<sup>59</sup> A partir desta citação, depreende-se a máxima maquiavélica – *Os fins justificam os meios* - nunca escrita literalmente, mas posta da forma acima descrita. Esta é possuidora de todo o sentido, de todo o significado da moral relativista por ele concebida. Fundamentação para esse princípio em sua teoria não falta, contudo não cabe aqui discorrer sobre a validade deste, ou apontar críticas.

Convém salientar que Maquiavel não acredita na capacidade perfectiva do ser humano, por essa razão ele aceita o homem “como é”. Por conseguinte, não é possível para o mesmo conceber uma ética do dever ser, mas pensá-la a partir do que é, ou seja, da imperfeição humana. Mediante tal condição, aceita-se o ser, a moralidade maquiavélica pensa as coisas como são.

É instaurada uma ética política diferente das utópicas, trata-se da ética de resultados e estes devem ser a curto prazo, vez que as adversidades podem sempre surgir e o tempo não estaciona. A conseqüência da aplicação desta é a conquista, e o sucesso no âmbito da política. Dessa forma esse paradigma ético-relativista está fundamentalmente subordinado a política, ao poder, funciona como um meio e não como um fim.

A prática deste permite conforme se apreendeu a quebra de promessas, faltar com a palavra dada, mentir, ou seja, já que se constitui em uma moral subordinada a política abarca todos os princípios permissíveis para a realização da política, expostos no início desse estudo.

---

<sup>59</sup> Grifos nosso.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando este ensaio acerca da teoria ética em Maquiavel nada mais coerente que referendá-la esta com a citação de quem a defende, sugere e nela acredita. Temos, pois, Nivaldo Júnior (1999, p. 31), brasileiro, contemporâneo e maquiavélico:

A sobrevivência é a única justificação válida. Na verdade, não existe ética na natureza. A vida natural na sua dinâmica cotidiana não está voltada para nenhum fim moral. A lei básica da natureza é a mutação competitiva, onde tudo se transforma o tempo inteiro e nada se define por ser melhor ou pior. Na natureza, sobreviver é a glória, não importa de que modo ela é alcançada. Porque, além do mais, existir é como uma vitória que precisa ser obtida e renovada a cada instante.

Neste, o modelo maquiavélico é corroborado, predominando a idéia individualista da ética, onde cada pessoa é criadora e transformadora do bem ou do mal, sendo a ética uma criação da sociedade. E não permite fantasias, discursos bonitos ou palavras empoladas; re-afirma a ética dos meios para os fins.

Como dissemos no início desse ensaio, não nos propusemos aqui tecer avaliações da teoria em questão, somente demonstrá-la. Esperamos com isso possibilitar o reconhecimento de ações políticas que tenham como fim os objetivos de Maquiavel, conseguindo identificá-las temos condições de aceitar ou não fazer parte desse modelo e dessa concepção de éthos. Procedemos assim por entender que primeiro devemos conhecer e identificar os problemas que nos cercam, sejam factuais ou teóricos para em seguida podermos pensar outros modos que possibilitem solucionar essas questões, tão atuais em nossas vidas.

#### REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*.. Trad. Alfredo Bosi, revisão Ivone Castilho, 4ª ed., Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2000.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Dicionário Aurélio Básico*. 1ª ed., - Jornal do

Comercio -, Ed. Nova Fronteira, São Paulo, 1998.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*: escritos políticos. Trad. de Lívio Xavier. 5ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores).

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 2ª edição, trad. Maria Lúcia Carmo. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

NAHRA, Cinara. *A Megera e o Príncipe*. Princípios – Revista de Filosofia, periódico anual. Departamento de Filosofia, CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte -, EDUFRN – Editora da UFRN. Ano 04, nº 05, 1997.

NIVALDO JÚNIOR, José. *Maquiavel*: o poder, história e marketing. 4ª edição, ed. Martin Claret, São Paulo – SP, 1999.